TERÇA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 1915

N.º 240, 5.º — (362) 7.º ANNO

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

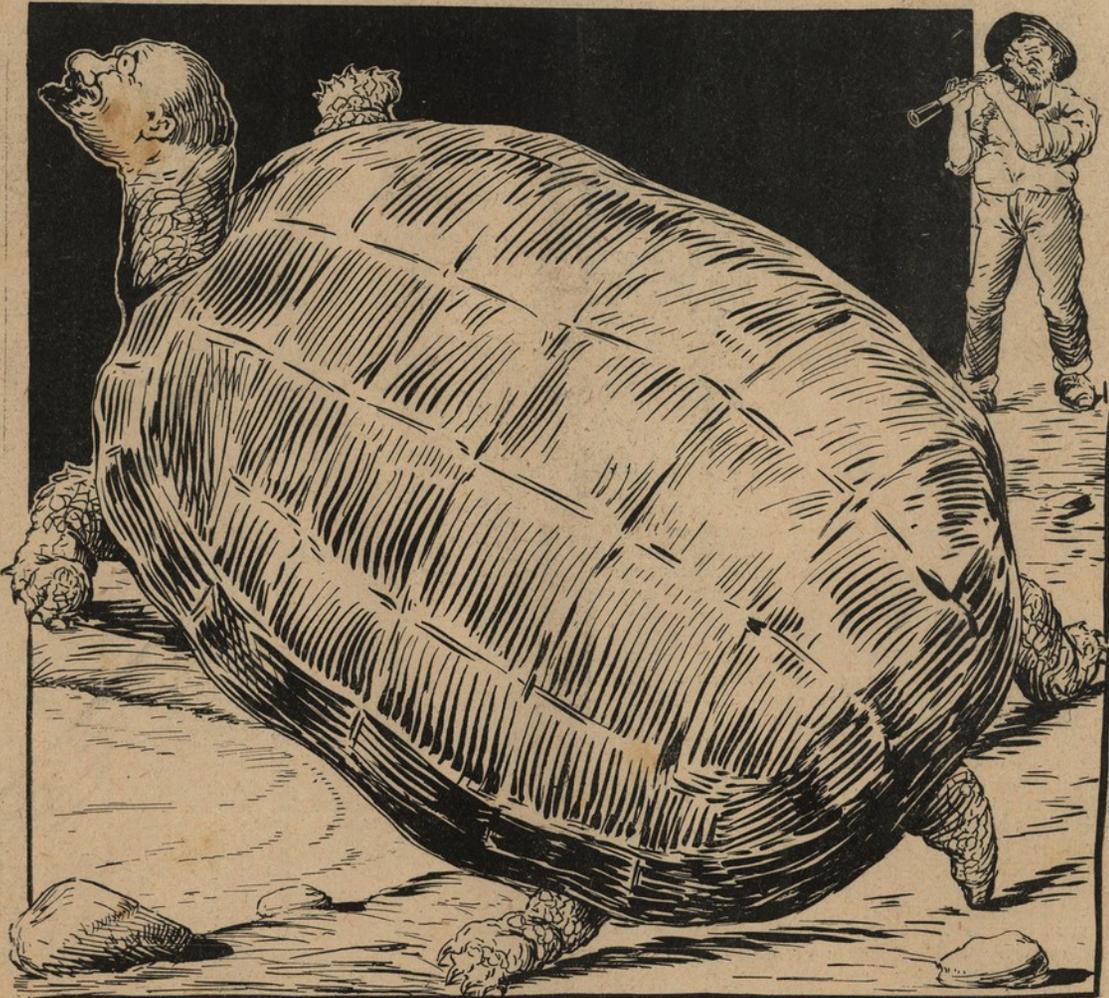
Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

Coleção de bichos portuguezes

I — O grande cágado

CRONICA

Tudo passa. França Borges — A Grecia, O inverno — Lisboa actual — As manobras navaes. — As conferencias a bordo — Tudo passa...

Tudo passa na vida, o que surge hoje morre amanhã, como o hontem se desfez ante o hoje. Tudo passa ao sopro do tempo, ao frio sôpro do velho e implacavel regulador da vida humana.

Passam os anos, os dias caminham n'um vortice...

Hoje é um que tomba, amanhã outro...

Olha se ao lado, é um que fica, que passa á mansão da paz, do esquecimento. França Borges, era, foi, um intrepido paladino da Republica. Ela devia-lhe muito, uma parcela na razão da existencia; e elle não lhe devia nada, nada d'ella acceitou senão a alegria de a ver implantada no seu torrão abençoado. Morreu... lá longe, n'um sanatorio branco como a neve das montanhas que o rodeavam, n'um canto isolado e pacifico, perdido entre o embate dos odios e das ambições.

A sua obra foi grande, indubitavelmente republicana, sinceramente patriotica. Na luta, que importa que houvesse excessos, que houvesse increpancia demaziada...

Hoje, quando é já a *justiça* leal que deve falar, esses odios levantados, esses fermentos de inimizade, afundam-se, esquecem-se.

Tudo passa...

A morte une todos. E' n'esse amplexo final que se ha-de fazer a verdadeira paz.

A vida é o odio; a paz só na morte.

Andam os milhões de homens, na mais insâna ganancia, no mais feroz desabar das paixões, á porfia quem mais máta, emquanto bastava para enlutar todos os corações, que a morte cumprisse o seu fadario macabro.

No crivo sangrento das batalhas passam todos os povos que a ambição obseca; hontem os hunos germanicos e austriacos, hoje os turcos e os bulgaros de braço dado!!

Os turcos e os bulgaros aliados! Quem havia, aqui ha 2 annos, de conceber este abaixamento moral de carater!

Tudo passa, dissemos. Até a recordação á Turquia, que os seus aliados d'hoje foram os seus algozes de hontem, o devastador dos seus campos, o incendiario das suas casas, o assassino dos seus filhos. Hoje a mão d'um, aperta a mão do outro na mais fraternal aliança.

E, unidos, lá marcham ao esmagamento traiçoeiro do enimigo *do patrão* comum!

A guerra na sua estupenda atrocidade passa agora o periodo mais tragico. O general *Inverno*, como alguem lhe chamou, vae trazer mais uma vez aos campos desolados, ás trincheiras fundas, os seus artificios mortiferos, a chuva, a tempestade, a neve, o frio!

Tudo passa. Passam os dias de sol, e a chuva vem ensopar até á medula o soldado que gela de vigia, de atalaia, atento no enimigo. A chuva, má para eles, para os combatentes, implacavel para os pobres é — no revérso fatidico de todas as cousas — bôa para nós; as oliveiras andavam com falta, as terras precizavam d'essa agua benefica, para em si gerar a *vida*, emquanto longe se procura a *morte!*

Portugal de longe do concerto infernal dos Krupp e dos Creusót e Canêts, prepara se para a invernia que se avizinha.

Chegam os ultimos foragidos do calor estial, das praias, das digressões. A cidade movimenta-se, patinha na lama negra que ensópa os paralelepipedos de granito das ruas. Os teatros enchem-se na mesma, os divertimentos abundam da mesma forma.

O terror, o mêdo, o pavôr primitivo da guerra passou, como tudo mais *passa!*

Hoje encara-se a situação com o mesmo desleixo nacional.

Sobem os generos; queixamo-nos vagorozamente, esboçam-se protestos que morrem ante a falta de tempo para tratar d'essas questões; é preciso misturar com essas agruras, um pouco de distração. E então o portuguez acorre aos divertimentos, enche os teatros, e encolhe os ombros ante a carestia dizendo:

—Não vale ralar. Isto ha-de passar.

Passa ás vezes na vida um sôpro de incitamentos e processos novos!

Por exemplo, a esquadra portugueza evolucionando fóra da barra, a combater o enimigo hipotético, invizivel e... sempre vencido, é claro.

Troam os canhões, aumenta-se a pressão nas caldeiras, ataca-se em linha, efetuam-se desembarques, e o bom portuguez, ainda uma vez, abre os olhos muito convicto que, apesar de tudo, ainda temos uma... esquadra que *vence*!

É a vida nova que passa ás vezes nos habitos sediços da raça e dos costumes. É ainda a iniciativa louvavel e patriotica das conferencias — inauguradas a bordo do «Adamastor» pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça, — onde se irá cantar a heroicidade passada do povo, do grande povo portuguez.

Mas, repetimos, estes arrancos de vitalidade, de vida nóva que ás vezes surgem, pouco a pouco vão morrendo tambem.

Não tardam a passar ao numero das coisas idas, das ideias falidas.

Tudo passa em Portugal, repetimos ainda uma vez: homens, ideias, odios, rancores, o tempo, as modas...

Uma coisa apenas fica obsecádamente, imovel e fria como um penedo: o sr. José de Castro, e o governo.

Fulano de Tal.

Os ovos

Entram na cidade aos milhares. Os mercieiros vendem-nos ás acultas a 300 e 320 réis, mandando a tabela á... fava.

 DOS POETAS

Solemnia verba

Disse ao meu coração: «Olha por quantos
Caminhos não andámos! Considera
Agora, d'esta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flôr e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo, e desespera,
Semeadôr de sombras e quebrantos!»

Porém o coração feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: «D'esta altura vejo o Amôr!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dôr».

ANTHERO DO QUENTAL.

Eduardo Schwalbach

Ha nomes predestinados para a gloria. Ha artistas de que é impossivel traçar-lhe. a biografia, pelos seus meritos incontestaveis.

Está n'este caso Eduardo Schwalbach, o grande dramaturgo portuguez.

Registar aqui a obra colossal do primoroso literato, é trabalho demasiado para o tacanho talento de João da Rua. Falar do auctor da *Cruz da Esmola*, da *Bisbilhoteira*, do *Dia de Juiso*, é falar d'um homem superior, d'um vulto proeminente na arte dramatica, uma das mais empolgantes dentre as manifestações do saber humano.

Eduardo Schwalbach, tem um passado de trabalho laureado pelo esforço d'um talento privilegiado, raro hoje na geração que substitue tantos artistas que por este mundo atravessaram ante a aclamação delirante das multidões que os vitoriava, ufanas de os possuirem como glorias incontestaveis da dramaturgia uns, da poesia e da arte sublime da interpretação outros, que a historia regista.

Se a obra de Eduardo Schwalbach, é colossal como dramaturgo, que possue o segredo de fazer rir, chorar, a graça, a ironia com aquella elevação que é a grande arte no theatro, que devemos dizer d'elle como jornalista?

A sua polemica esmaga; e não sei qual maior valor tem — se o estylo encantador dos seus artigos, se a ironia com que sabe confundir o seu adversario. E' temivel E por vezes, lembra os incomparaveis jornalistas Sampaio, Navarro e Marianno.

Ainda ha dias eu li um bilhete postal, que lhe dirigia um brilhante chronista, nas columnas da «*Illustração Portugueza*».

Era um primor, e d'elle, bem digno Eduardo Schwalbach, incontestavelmente, uma gloria das letras.

A sua reputação, não é bem d'elle é do seu paiz que um dia, lh'a retribuirá pela voz da historia, a quem só pertencem homens cujo talento, marcam a passagem com ruido e estrondo, atravez dos tempos e do progresso.

Honram-se hoje as columnas d'«*OZé*», registar esta singela homenagem ao notavel dramaturgo, ao brilhante escriptor Eduardo Schwalbach que longe está, de saber ou poder, sintetisar a obra notavel de quem como poucos, honra a literatura e a arte dramatica.

Tem levado uma vida inteira a minar gloria para as letras, nada tem, nada lega aos seus — mais que um nome laureado, emquanto que tanto imbecil, assombra Lisboa inteira, com o prestigio dos seus milhões, ganhos pela mercê de monopolios.

Para em tudo sermos diferentes do mundo culto — até é coisa bem triste, o nascer-se artista em Portugal!

Carestia da vida

O sr. Jose de Castro em se metendo na questão das subsistencias é certo que em seguida sobem de preço.

Não seria melhor estar quiétinho? Não se mexa, não se mexa sr. Castro, senão, daqui a pouco, o povo não pode comer coisa alguma porque não ganho para isso.

No proximo numero novas secções.

AOS LEITORES

Estranharão por certo os leitores a mudança subita das formas do nosso jornal. Mas, é preciso confessa-lo, a carestia absoluta das tintas, dos processos, a impressão despendiosissima a 3 e duas côres, tornara-se um pezadelo para a nossa vida. A crise tocou nos como a todos. Hoje remodelámos a feição; mais modesta, não é por isso menos cuidada, nem é desprovida de todos os cuidados literarios e artisticos. Apresentaremos, uma caricatura sempre, e, bastantes fotografias da guerra alem de outras de assunto palpitante. Abrimos novas secções, e pomo-nos ao dispor dos charadistas *para abrirem uma secção sobre este processo de distração. Ainda mais uma vez esperamos merecer, n' este transe ocasional, n'este periodo puramente transitorio, a benevolencia e a estima d'aqueles que são os nossos amigos de ha tantos anos.*

Repetimos: é uma transição devida á crise *de todos os materiaes tipograficos e litograficos que terminará um dia mais ou menos longe; procuraremos cuidar do jornal o mais que possamos esperando continuar a receber as provas de estima até hoje manifestadas.*

Sem mais, ás ordens

A empreza

Respondam ao concurso

De ponta... e mola

O celeste imperio

Pouco tempo durou a Republica Chineza. Teve o viver das laranjas; nasceu, viveu e morreu sem que os celestiaes habitantes lhe tivessem sentido o gosto com suficiente tempo.

A China, que deve andar ainda uns furos mais adeantada na marcha da civilização de que os chinezes da peninsula iberica, já conseguiram o imperio, pacato, a bem de todos, sem sangue nem incursões.

Nós por emquanto em questões de democracia, estamos ainda... no chapeu alto. Até á corôa imperial ainda vae um passo... Coisas de tempo.

A Hespanha

De vez em quando, aquelles celebres cavalheiros que nada tendo que fazer, se entreteem a vêr ao longe com os binoculos da... *fantasia*, alardôam factos ribombantes d'alem fronteira.

Esta semana, hontem ainda, mais um telegrama tetrico, dá a entender nas entrelinhas que a coisa está feia, que está para menos de... 9 mezes.

Abundancia de papel e... falta de assunto. Sóma: um dato a veranear, um rei que se diverte e um correspondente... medroso!

A Servia

Pobre Servia! O esmagamento lento, o esmagamento atróz! Em quanto, como a Belgica, não vir resurgir a aurora redentôra, que ha de vir, mais longe ou mais perto, essa dôr da pequena Servia é comovente.

E' quando, os seus territorios estiverem momentaneamente sob a *pata* do invazôr brutal e vandalo, quando os pequeninos servios tiverem as suas casas nos países alheios, dirão ainda com a alma cheia de esperança, apontando o peito da Humanidade inteira:

A Patria está alli!

Pois não

Quando chegou o general Pereira d'Eça, como este general tivesse prestado provas do incontestavel valôr, e capacidade militar na dominação do preto rebeliado, houve um preto que foi á redacção da *Luta* protestar contra os traidores e a favor da participação.

Mas porque não foram antes alistar-se sob as ordens de Jofre? Porque emquanto falam e cantam bravatas, não se enchem daquele patriotismo muito menos bulhento, mas muito mais grandioso do modesto e heroico filho de Xavier de Carvalho, morto em França, a honrar Portugal e a Liberdade?

Bem faz, o chefe Camacho. Anda a ver as hespanholas, que esta vida... são dois dias.

FRANÇA BORGES

Morreu!...

E longe da sua patria, sem o beijo ultimo dos filhos queridos e da esposa amantissima. Quem adivinhar pudera, qual seria a sua ultima lagrima — se para a patria que elle adorava se para a familia que estremecia.

E' lei fatal a que ninguem escapar sabe.

Ao redigirmos a ultima homenagem que é dever de todas prestar-lhe, tambem morreu para sempre, a divergencia que nos separava.

Hoje, aqui n'este sagrado logar de trabalhadores na imprensa de tantos annos, só pensamos na individualidade que, foi um dos mais notaveis propagandistas dos idiaes republicanos; notavel entre os notaveis demolidores do throno, intransigente inimigo da monarchia.

Ninguem o soube igualar na persistencia, na luta, no sofrimento de tantos annos para com tanta gloria vencer e tão cedo a morte, roubar o intemerato, o honrado republicano que nunca quiz saber transigir.

Ao morto querido, muito deve o partido republicano; o regimen, sem duvida, a sua propria existencia.

França Borges, tem a sua mais perduravel consagração, o notavel panegirico a fazer-lhe como cidadão, como politico, como republicano, na grande obra que nos lega—**O Mundo.** *Ali deixa o melhor da sua vida, ligada aos duros sacrificios que foram o seu companheiro inseparavel, na gigantesca luta que em perto de 26 annos manteve nobremente, atravez todos os obstaculos e perseguições, em nome da libertação da sua terra querida.*

Outra qualidade o nobilitou e celebrisou — a sua dedicação, a sua lealdade sem egual, em favor do prestigio, da aureola que hoje cobre o nome de Afonso Costa.

Dizer ao paiz: Morreu França Borges, é lembrar-lhe que partiu para sempre, um cidadão que pelo labor do seu trabalho, pela sua luta, pela tenacidade inquebrantavel, fez a republica e tem o direito á gratidão nacional, aquelle que como poucos, só trabalhou para a patria e para a republica!

O Zé, *a sua redação e todo o seu pessoal, aqui deixam o seu preito de homenagem e respeito, á memoria do que em vida foi o mais ardoroso lutador pela republica e por quem soube morrer com honra e fama!*

O Canadá

Já enviou á Inglaterra 50 mil homens aproximadamente e, está pronto a enviar maior numero.

Isto é: é um paiz que já *cana* não *dá*, mas sim tropas e *material.*

Ao Vinicio

Eu confesso-te divino,
muito embora *isto* te masse,
que se não canto o Sabino
canto o **Chiado Terrasse!**

K. K. To.

Critica de factos...

Parece que um nucleo de individuos que exercem a *profissão de revolucionario civil*, enviaram ao governo um ultimatum.

O que querem esses bravos patriotas, pergunta-nos um leitor?

Querem um talher á mesa do orçamento, pois foi para isso que eles fizeram o 14 de maio, onde pereceram centos de pessoas e onde foram mais de um milhar feridas...

E' claro que o governo saido d'uma revolução feita *ad hoc* por esses patriotas, tem que empregal-os, quer eles tenham quer não as aptidões e a idoneidade necessaria.

Mas esses vigilantes das instituições vigentes, cuja indisciplina tem aumentado desde o 14 de maio, impõem-se de uma forma que não supreende.

Elles levaram a sua audacia a exigir ao governo a *lei garrote*, que de todas as da republica, é a menos constitucional; eles por um sentimento egoista, tão caracteristico na raça humana, quiseram que o parlamento apenas tratasse dos seus interesses, lançado ao olvido os que respeitam ao país.

Julgam-se *uma força* e não pesam coisa alguma na opinião sensata do país. Não representam o comercio, não representam a industria nem a agricultura.

No entanto constitnem um elemento de desordem perigoso que põe em risco a tranquilidade publica.

Outros *elementos serios e de valor* teem que forçosamente de se ligar para opôr uma barreira a esse demagogos de fauces hiantes que querem tragar tudo e dos quais o governo ha de ser victima.

O país não pode nem deve estar á mercé de tão benemeritos e desinteressados cavalheiros; por isso reclamam-se energicas providencias para pôr termo a perturbações que tanto prejudicam o país.

*

A comissão de vigilancia dos revolucionarios civis reuniu ha dias para tratar dos seus interêsses e de politica.

Iidigitou para deputado por Lisboa pessoa da sua confiança e aprovou duas propostas; uma censurando o sr. Luiz Derouet porque apanhando-se no logar de Director da *Imprensa Nacional*, não mais se importou com eles vigilantes da republica e fazedores do 14 de maio; outra censurando o sr. Filipe da Mata, Provedor da Assistencia por não socorrer os revolucionarios necessitados.

Nessas propostas se lembra áqueles srs, que se não fosse o de 14 de maio, não usufriram hoje a sinécura que lhes garante o bastante para um tubarão andar farto e aconchegado...

Mas a liberdade de uns, levanta atrictos á liberdade dos outros.

O mal da republica é dirivado de tantissimas tribunécas que para ai há onde fumentam as paixões e onde cada qual se julga no direito de discutir politica e censurar quem lhe não quadra.

Onde predomina a ignorancia, não pode haver muito criterio e reconhecida a cultura pouco intonsa de certos individuos, não será para estranhar, que nas varias tribunecas que por ai ha não surja uma ideia que ilumine, uma acção magnanima, que honre, um acto que enobreça.

Do cerebro de certas pessoas, só brotam vinganças, o que está em oposição a essa fraternidade tão pomposamente falada.

Já não falamos da liberdade e da igualdade, que é uma utopia, mas que tem servido para iludir as massas inconscientes do povo, o eterno ludibriado dos palomineiros da politica.

Jean Jacques.

A Guerra Europeia

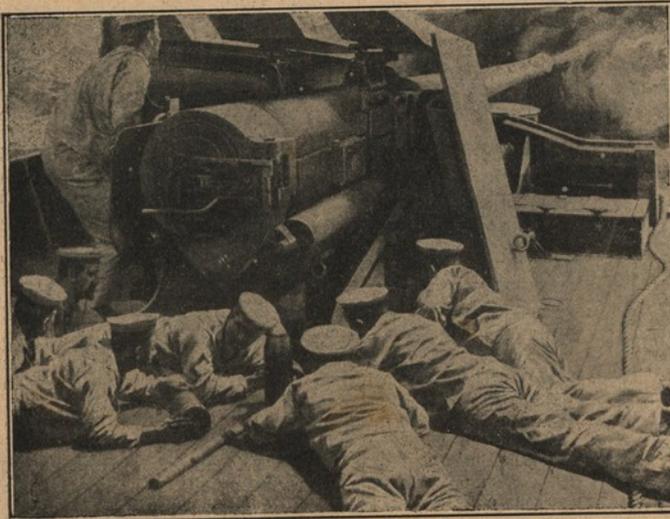
Ambulancia da Cruz Vermelha russa conduzindo feridos depois da batalha

ENTRE o numero dos melhoramentos porque passa hoje o nosso jornal, entra o detalhe que d'ora á vante passamos a fazer da sangrenta carnificina que vem assaltando o mundo inteiro, cognominada pelo pomposo titulo = **A Guerra Europeia.**

Embora com sacrificio, o nosso jornal vae dar ao publico, uma detalhada reportagem dos acontecimentos sensacionaes que dia a dia, se veem desenrolando no campo das operações. Assim tornaremos O ZE, um jornal noticioso e interessante para o leitor:

Resumo das ultimas operações:

No campo occidental:

Os allemães desesperados por terem sido mais uma vez derrotados, atacam furiosamente os francezes na região de Champagne, mas são repelidos com perdas importantes. Preparam uma grande ofensiva na Alsacia, onde teem perdido bastante terreno. De resto, em toda a linha os combates de trincheiras teem continuado. Na Flandres, os inglezes e belgas, continuam mantendo o inimigo em respeito.

Monitores da armada britanica em acção no combate de terra e mar

No campo oriental

A ofensiva austro-allemã que julgava continuar victoriosa é entravada pela resistencia russa, sofrendo varios revezes, especialmente na Galicia. Acentua-se tambem agora a falta de munições aos austro-allemães, e a ofensiva russa na Bukovina vae ganhando terreno. Parece que se aproxima o momento da desforra para os exercitos do czar.

Nos Balkans

Os servios resistem heroicamente ao vigoroso cêrco que lhe fazem os bulgaros e allemães. Os primeiros teem sido batidos pelas tropas francezas e os segundos pouco teem avançado. No entanto os russos preparam tambem reforços para socorrer os servios, cuja situação se póde tornar critica de um momento para o outro, mostrando tendencias para se agravar, visto que já no dia 5 os telegrammas annunciavam que os bulgaros estavam a duas horas de Nich.

Bateria britanica fazendo fogo de [illegible] tomada aos turcos em Galipoli

Quanto á Grecia e á Romania, continua a mesma situação, dando-se nos dois paizes crises ministeriaes, originadas pela antipathia do povo á orientação seguida pelos governos.

No Caucaso

Os turcos continuam a ser batidos pelos russos, vingando-se d'esse desastre, assassinando os desgraçados armenios. As noticias porém vindas d'este ponto de batalha, são incompletas e confusas.

Nos Dardanellos

A lucta não cessa, levando os turcos a peior. A ponte de Galata que ligava esta cidade a Stamboul foi destruida pelo bombardeio dos inglezes e a situação de Constantinopla é cada vez mais critica. Os alliados bloqueiam o mar Egeo e cada vez difficulta mais o abastecimento dos defensores de Galipoli. No entanto, a victoria definitiva ainda vem longe.

Na fronteira italo-austriaca

Os combates na região do Carso continuam violentos e mortiferos, as baixas austriacas são enormes. Só no sector do Isonzo tiveram em 3 dias 33:000 homens postos fóra de combate. Nas outras zonas tambem não levam a melhor. Os italianos cada vez apertam mais o circulo de ferro que envolve Goritza e Talmino, cuja rendição parece inevitavel.

Na fronteira austro-servia

Os montenegrinos continuam a repelir vantajosamente os ataques austriacos, cooperando assim na defeza do territorio servio e na do seu, infligindo no dia 1 uma grave derrota ao inimigo, e conservando sobre elle vantagens apreciaveis até ao dia 5.

Soldados coloniaes francezes simulando uma instalação de artilharia

No Mar

Os allemães ordenaram o bloqueio do litoral da Grecia e levaram a sua audacia a cometter proezas no estreito de Gilbraltar, onde no dia 4 um transporte de guerra inglez, carregado de munições, foi por elles mettido a pique.

Comtudo, ha já um tempo para cá não se constata todos os dias aquela serie tragica de torpedeamentos de inofensivos barcos dos aliados. E' que, uzando um processo tambem nôvo na defeza contra os piratas germanicos, as nações liberaes com a Inglaterra á frente teem dado caça aos seus mortiferos submarinos.

Esse processo nôvo é o das *redes metalicas* para inutilização d'aqueles barcos assassinos, com as quaes já aprehenderam 26 dos melhores.

No ar

A Allemanha annuncia um novo *raid* sobre as costas inglezas, no entanto, os aviadores dos alliados, respondem-lhe audaciosamente bombardeando-lhe depositos de munições, comboios e campos de concentração, e, apezar do arriscado meio de combate, não faltam combatentes que a elle sacrificam a sua intelligencia e a sua vida.

E até á hora em que escrevêmos nada mais de interessante podemos mencionar, a não ser a continuação das suposições pró e contra os alliados e os esforços do Vaticano para conseguir a paz.

Bateria de canhões inglezes preparando-se para rechaçar o avanço dos allemães

Ainda se joga...

Prohibiram o jogo.

Os jornaes, que as auctoridades aprehendem, que vivem sob o regimen da persiguição, e que são alvos de uma vigilancia condemnavel, e de uma nóta oficiosa que não abona muito a sua situação como sagrado tribunal perante os nossos governantes, publicaram a semana finda, durante dois ou tres dias, uma informação dada pelo Governo Civil sobre a repressão do jogo.

Em nada nos importa a resolução do sr. Mariano Martins, que nos dizem ser homem de caracter firme, e que comprehende bem a situação e as responsabilid des do seu alto cargo.

A policia atirada á rua ás suas ordens, corre Lisboa de canto a canto, na mira de um assalto onde possa colher os *pontos* incautos, que catrafilam, e arrecadar o dinheiro das bancas e dos proprios parceiros.

E' isto moral?

Na opinião da auctoridade superior do districto, que agora desperta, e na opinião do sr. José da Costa, da farmacia e da Associação dos Lojistas, e irmão feliz do infeliz deputado socialista, parece que sim.

O que é moral, relatam os jornaes é o assalto ás casas de jogo, a auctoridade apaderar-se do que é dos outros pelo assalto, depois do sol pôsto.

O sr. Governador fez bem permitindo o jogo até agora?

O sr. Governador Civil fez bem prohibindo o jogo, depois de se ter jogado abertamente?

Isso pertence ao juizo supremo d'estas causas, que são os moralistas de torna viagem, que condemnam a roleta, a banca, e admitem a batota da Loteria da Misericordia e, politicamente falando, a batota d'esta situação insustentavel em que o paiz se debate.

E apesar de tanta vigilancia, de tanta persiguição, de tanto assalto... ás miseras pataqueiras, que elles invadem, arrebanhando o que encontram, no celebre Club dos Patos joga-se, sr. Governador Civil, alli ainda ha jogo, e até lá ainda não deitou a zeloza auctoridade que V. Ex.ª poz em acção.

Já o disse, porque assim o affirmam, o sr. Mariano Martins não é homem que se encontre sob o dominio seja de quem fôr.

Official da armada, nobre marinheiro portuguez, possúe certamente essa firmeza de brios que o marinheiro da nossa armada ainda conserva. Elle, ordenando a repressão do jogo, obedeceu naturalmente ao seu proprio raciocinio.

Está muito bem. Ordenou, fez erguer a auctoridade, avisou primeiro, e mandou para a rua a sua gente.

Vigiar, proceder, fazer a rusga rigorosa, sem proteção, sem excepções.

As casas de jogo encerram as suas salas, conservando abertas as suas portas unicamente para receberem a visita da policia.

Esta aparece, aqui vê que não se joga, alem assalta porque não obdeceram ao aviso, e... no Club dos Patos?

Porque não aparece no **Club dos Patos** essa policia que á ordem do chefe do districto, quer estabelecer a moral, reprimindo o jogo?

Existe a protecção? Então ella vem de cima.

Não existe? E' a policia que prevarica.

Regulamente-se. Não o querem? Então que o sr. Mariano Martins faça cumprir a sua ordem. Ninguem deve jogar.

O *Club dos Patos* está incluido na prohibição.

Aguardamos providencias.

André Deed

A Xavier de Carvalho

Tu tens no coração, inda a sangrar,
a chaga que te abriu, o golpe rude,
da Morte que levou ao ataúde
o filho que soubeste mais amar.

Tu sentes teu vigor quasi quebrar,
por falta dum intuito em que se escude,
e não te importa a Vida e a Saude
que outr'ora receavas vêr faltar?

Fugiu toda a alegria esfusiante,
das cronicas que vão deixando á Historia
uberrimo caudal ilucidante?

Não creias ser assim. Do filho, a Gloria,
te faz pedir a Vida, a cada instante,
p'ra o vêr vingar, dos teus, final Victoria!

Candido Torrezão (K. K. To).

O FADO

Grande concurso sensacional

Em Portugal, não ha peito que não estremeça, alma que não vibre, olhos que se não marejem, ao ouvir aquelle trinar sentido, tristonho da mais bela produção muzical da nossa raça: o fado.

Toda a voz que se eleva a cantar, aquela toada sentimental, chorada, nascida sob o ceu azul exclusivamente portuguez, vivida e compreendida apenas tambem só por nós, evoca esse torrãosinho pequeno, onde se sofre e moureja, onde se embalam os filhos, e choram os velhos paes.

O fado, a canção nacional por excelencia, magneticamente influenciado pelo luar sempre palido e formoso das mais belas e serenas noites do mundo, resume em si toda a tradição, toda a historia da alma do nosso pequeno povo.

A raça vibra dentro do fado. Os Marialvas d'outrora, das esperas de touros, tantas recordações d'esse passado valoroso, puramente nacional no seu espirito brigão e destemido, as ferras, tudo vbira e canta, no dedilhar da guitarra e no chorar sentido d'uma voz portugueza que o compreende e sente.

Do fado do Vimioso, ao Choradinho, do fado aristocratico ao fado de cada dia, brotando em cada revista do ano, que mensalmente sobe á cêna, em toda a parte, o fado é sempre o mesmo, tem um fundo comum, um fundo absolutamente similhante.

Esse fundo é o sentimento, aquele encanto dôce, chorado e cantado ao mesmo tempo, que a alma portugueza, sofredora e, sonhadora, sabe transmitir ás suas notas.

O fado tem os seus grandes artistas. Todo o sentem é certo, mas apenas alguns tem esse dom sublime de o reproduzir, de o abranger com a voz.

Entre os que, diletos crentes da canção nacional caracteristica, sabem dedilhar uma guitarra, fazer vibrar uma multidão, as mulheres tem uma ação especial. Ellas, com o sofrimento amargo dos dias que passam, com as dores crueis da vida, juntam á melodia vibrante das suas notas, esse repassado de ternura que só a elas cabe

Por isso, nós hoje, queremos premiar, estimulando ainda o gosto pela *eterna canção*, aquela filha de Portugal que melhor *souber interpretar o fado*, tendo a suprema felicidade de agradar á alma das multidões.

Fica hoje aberto nas nossas colunas este concurso unico em Portugal, para o qual reservamos premios e acolhemos todas as indicações. Trata-se de saber

Qual é a mulher portugueza que melhor canta o fado?

Todas as respostas a este concurso devem ser enviadas á nossa redação, com clareza e simplicidade, e o maximo possivel breves.

Os votos serão contados no final por um juri devidamente constituido, devendo cada pessôa votar apenas uma vez, para o que provaremos impedir as *chapeladas*.

Tem direito a ser eleitas todas as mulheres, desde as atrizes que o cantem e interpretem condignamente a qualquer outra mulher, seja de que classe fôr.

Os nomes das *votadas* devem vir claramente manifestos para não haver dificuldades no escrutinio.

A' medida que formos recebendo os votos, iremos dando d'eles contas aos leitores.

Aos *admiradores* de alguma cantora de fados, pedimos para que sejam *honestos*, na eleição da

Rainha do fado

O nosso concurso não abrange só Lisboa. O fado é portuguez. Todo Portugal tem filhos cheios de amor e sentimento. Para toda a parte pois, de Portugal, enviamos tambem a nossa patriotica pergunta; meus senhores, vamos a saber:

Qual é a mulher portugueza que melhor canta o fado?

Administração admiravel

Segundo o *Janeiro* de 3 do corrente, a admiravel administração afonsista superaviteira é isto que se vê: *contas*

Deficit apurado 1914-15, rèis 26:000

Deficit calculado 1915-16, réis 40:000.

Circulação fiduciaria 102:952.

Divida flutuante em 30 de abril.............. 110:852

Dificit do trigo (encargo) réis 36:000.

Eis a bela administração do partido democratico.

O dinheiro da Assistencia

O sr. Machado dos Santos disse que o dinheiro tem servido para sustentar formigas.

Foi por isso que o tubarão Pepino da Mata reduziu o subsidio aos pobres.

Colyseu dos Recreios

O incomparavel Sanz

(o melhor ventriloquo da actualidade, que todas as noutes é alvo dos maiores applausos).

O pão nosso... da semana

Secção amarga

Acabaram-se as *rolêtas*,
nunca mais se joga o *monte*,
já não ha *ponto* que *ponte*
nos *cavalos* e *cruzêtas*.

Já ninguem joga no 7,
uma *c'rôa*, ou mesmo duas,
já não ha *linhas* nem *ruas*,
ou um *cerco no valete*.

Já não ha *bancas francezas*,
acabaram-se os *menores*,
já não *chorrilham maiores*
n'essas *bancas* portuguezas.

Nunca mais, *aos pés da dama*,
qualquer *ponto* vae cahir,
a não ser quando, a dormir,
esteja com ela na cama.

Com tais *trocos e baldrocas*
não se *salta na barriga*,
já não ha *ponto* que diga
que ganhou com... *o az de copas!*...

Vid'alegre.

CANTA-SE:

Que num centro afonsista a harmonia ha dias entre os patriotas foi tão intensa, que houve pancadaria de criar bicho...

—Que os democraticos agora é que deram pela incompetencia do sr. dr. José de Castro.

—Que são uns ingratos esses marotos.

—Que os jornais deram á dica um ministerio de arromba.

—Que ha para ai monarquicos que ficaram com nariz de palmo com as vitorias francezas contra os alimões.

—Que o A. B. C. jornal ultra hespanhol, inimigo de Portugal continua a ser muito lido por alguns patriotas.

—Que a Grecia pois menos populoso do que o nosso e com menos recursos arma mais de 300 mil homens.

Ainda não vão longe os dias memoraveis que, nos indicavam a entrada da época theatral.

Saudosos tempos em que os escriptores consagravam os artistas mercê do seu talento; notaveis criticos como Ramalho Ortigão, Urbano de Castro, Fialho d'Almeida, Julio Machado e tantos outros imortalisaram o theatro de Garrett que teve a sua estreia como dramatturgo a 29 de setembro de 1881. Epoca em que Marcelino Mesquita, na pujança da vida, na frescura do perigrino talento que durante tantos annos notabilisou a literatura da sua linda terra de Portugal, possuiam artistas como Emilia das Neves, Manoela Rey, a Virginia, a Damasceno, o pae Rosa, o genial Antonio Pedro, o glorioso mestre Santos Pitorra, o Tasso, Epifanio e descendo já para a decadencia, ainda brilharam os Rosas filhos, o Brazão, Amelia Vieira, esse collosso que ainda vive, a Lucinda Simões, Lucinda do Carmo, e com resto d'um passado que jamais voltará, temos um genio artistico como herança d'esse theatro que era bem o reflector da grandesa da nossa literatura e da moral do nosso povo — Ferreira da Silva e Chaby Pinheiro.

A pleiade de literatos que tinha como pioneiro Pinheiro Chagas, foi-se levando atraz de si para essa viagem d'onde ainda ninguem voltou, o que de grande, de notavel, nos enriquecia a arte sublime da interpretação.

A glorificar esse passado, arrastam-se Adelina Abranches, a incomparavel actriz que o chorado poeta D. João da Camara, foi desencantar no tablado do velho theatro do Principe Real, quando da sua *Rosa Engeitada*.

A notavel actriz Angela Pinto, essa alma unica, que é artista como é grande mulher digna filha da terra de Filipa de Vilhena.

E n'este vacuo que surge a substituir um passado de gloria na literatura, na poesia, na critica, n'esse theatro que grandes actores souberam cantar por esse mundo fóra, o idioma da mais linda terra e do mais heroico povo, o que vive hoje que possa honrar ou sequer, falar-nos d'esse passado? Nada. Absolutamente nada. Afóra Eduardo Schwalbach, que é o resto d'essa troupe gloriosa de dramaturgos, afóra ainda as utilidades que procuram fazer theatro como Augusto Lacerda, Mello Barreto, Lino Ferreira (Marçal Vaz) Eduardo de Noronha, o notavel traductor do moderno theatro francez; o decano João Soler, a quem devemos primorosas traducções; Vasco Mendonça Alves, Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, só nos restam uns arremedos de literatos que, são a causa da decadencia do theatro em Portugal.

No dizer de Eça de Queiroz, o companheiro glorioso do genial literato que foi Ramalho Ortigão, é no theatro que reside o rejuvenescimento e a transformação da nossa nacionalidade.

Creio bem, que Eça de Queiroz, nunca contou com a existencia dos literatos que hoje nos dão producções como a revista — «*Não desfazendo*».

O mais pernicioso factor n'esta degradante decadencia, é (com profunda magua o dizemos) — a chamada imprensa que, depois de Emydio Navarro, de Marianno de Carvalho, Antonio Ennes, Barbosa Colen, Pinheiro Chagas, Alberto Pimentel desceu a tão degradante miseria, que em troca nos deu jornalistas como Silva Graça e criticos como Eduardo Franco, para honra do *Diario de Noticias*.

A quanto descemos. Decerto em nome do progresso. Que admirar temos, que dia a dia, nas columnas de certa imprensa, o publico, veja consagrar literatos (sic) e certos. *Soi disant* artistas, elevados ao pináculo da gloria, pelo talento dos modernos jornaleiros que, são a vergonha e causa do abandono em que vive o theatro em Portugal!

Um dos mais trascendentes problemas a resolver, para a canalisação do publico transviado do theatro, se o egoismo não imperasse no homem, lobo do proprio homem, evitando a união entre as emprezas, é a luta contra essas alfurjas da batota que, são a peior das causas do afastamento do publico e depois, a ultima imbecilidade do espirito humano — os animatografos — verdadeiros antros de prostituição; escola inegualavel do crime e a perversão social.

Em compensação, o progresso, ensinou nos a crear a Escola d'Arte de Representar, a repartição d'Arte, asylo de bachareis em letras, com curso de tretas...

Até ao proximo numero.

João da Rua

KODAK THEATRAL

Nem a inauguração da época, realisada na noite de 3, no primeiro theatro de declamação — a casa de Almeida Garrett, para não dizer a colmeia do grande actor Ignacio Peixoto, capaz foi, de celebrisar a semana theatral que findou,

Em cada dia que passa, é uma desilusão que falece. Segundos antes da abertura ao publico do Nacional, ainda ancioso aguardava a chegada de ricas carruagens com garbosas parelhas; dos talentosos substitutos dos criticos que na grande viagem, esperam saudosamente, o fim da missão d'estes novos propagadores da arte que, atravez este progresso, com o brilho do seu talento á luza gente veem dizendo: «A arte dramatica, é o pincaro elevado em que poisam os adejos da imaginação; onde o actor, ensina o homem a conhecer o homem, que sendo humano, de humano nada tem — faz com que a humanidade aplauda a humanidade!»

No vasto salão da velha casa de D. Maria II, alguem havia a ornamental-a. porem, longe d'aquella geração que nos fala do «*Regente*», do «*Mensageiro*», da «*Cruz da Esmola*», da *Leonor Telles*», do «*Kin*», do «*Marquez de Vilemer*», etc., etc

Nos camarins dos artistas illustres que ainda sabem honrar o theatro, nenhum homem de letras, que lhes recordasse os tempos saudosos da gloria de Antonio Pedro, de Santos Pitorra, de Manuela Rey, de Emilia das Neves, Virginia e Damasceno! Que tristesa, que saudade e que dó nos trouxe a inauguração da época na casa de Gil Vicente. com os «*Peraltas e Secias*», de Marcelino Mesquita; «*O primeiro beijo*» de Julio Dantas.

Não ha duvida, que é literatura dramatica classica. theatro valoroso mas... cançado, e estafado em cartaz para bilheteira.

No intervallo, depois d'um abraço a Antonio Pinheiro, a Carlos dos Santos, visitei no atrio, os bustos que ali nos falam d'alguem! Em frente de Emilia das Neves, palestrando com o gelido marmore — lhe perguntei: Anunciando-nos o «*Seculo*», notaveis originaes portuguezes, como se explica que a abertura da época se realise com o velho theatro de Marcelino?

Não será um crime, não nos brindarem com uma grande peça portugueza das novas?...

Creio, que senti um riso escarninho de Emilia das Neves, querer dizer-me: o theatro d'hoje, com os seus artistas, os seus literatos, os seus criticos, a sua imprensa e os seus habeis emprezarios, é um cortejo bem digno do progresso, da inteligencia e do talento do teu tempo, que apenas vive da gloria d'um passado em cinzas!

A isto chegamos.

N. da R. — Registamos a gentilesa do simpatico Gouveia Pinto, para com «*O Zé*».

No Apollo

Deveras lamentavel, o triste espectaculo que no sabado presenciamos, no velho e popular theatro da rua da Palma.

Com uma casa repleta e com optima gente nos camarotes e platêa, teve logar a inauguração da época, com uma fantasia em 3 actos d'um autor e jornalista que de tudo e todos critica.

A peça, foi estrondosamente pateada na rua dos Condes, o que decerto, levou hontem á rua da Palma, uma rapaziada muito conhecida na fina sociedade que, fez uma verdadeira toirada ao *Diabo que o Carregue*.

No final do primeiro ato, desapareceu o irritante autor, que tinha preparada uma troça fenomenal e d'ella era bem merecedor.

O grande publico, fala pela critica que nada tem a fazer ante o fiasco de sabado ultimo no Apollo.

A' frente da empreza, está uma individualidade de largo tirocinio, logo, é inadmissivel no sr. Luiz Ruas, aceitar o refugo que apresentou para inauguração da época.

Tal facto, prova a falta de original de valor.

Auctores, desculpam a falta de producção, pela escassez de artistas; estes por sua parte, a falta de boa literatura dramatica. Uma e outra cousa succede e assim se explica, a decadencia do nosso theatro, sujeito á traducção da producção que vem do estrangeiro. Que decadencia.

Dizia-se no Salão do Apollo que, em breve, subiria á scena — *A Viagem de Suzete*.

Venha tudo, menos aquella ignobil porcaria do tal André Brôa.

Lamentamos a empreza e os actores que, tiveram a infelicidade de aturar a toirada ao autor Migalhas!...A peça está bem posta e com lindo scenario. Nem tanto merecia a ignobil porcaria.

J. da R.

CARTAZ THEATRAL

Nacional — Variando sempre com reprises do melhor reportorio, vae a gerencia ativando a montagem da peça — *Malqueriña*, original portuguez de Chagas Roquette que, em breves dias tem a sua prémiere. Lino Ferreira vae apresental-a com deslumbramento e riqueza. Hoje temos os *Velhos* de D. João da Camara.

Trindade—Nunca mais sae do cartaz esta epoca a celebre revista de Eduardo Schwalbach—*Dia de Juizo*, um dos maiores sucessos theatraes dos ultimos tempos. O publico, continua a ter dificuldade em alcançar bilhetes.

Ginasio—Noite de gargalhada sem cessar, só na celebre comedia de Gervasio Lobato *Em boa hora o diga*, que enche colossalmente o melhor theatro de comedia e com um desempenho inegualavel, de admirar não é— as enchentes que tem.

Eden—Na bilheteira, não ha mãos a medir, tal é a enchente constante do publico, que se acotovela para obter logar.

A riquesa e luxo com que a empreza montou—*O Dominó*, da-lhe sem favor, direito ao sucesso incomparavel que acaba de obter a interessante revista.

Colyseu—A estreia da grande celebridade artistica *Sans*, o mais extraordinario artista do seu genero, prova bem quanto Antonio dos Santos, prima em brindar o publico, com as mais notaveis celebridades do mundo, sem olhar a preço. Continua em pleno sucesso, a troupe Chineza que, é em verdade uma maravilha!

Só no Colyseu, o publico lhe é dado admirar o que de mais assombroso existe no mundo da arte. Em breve temos a companhia lyrica.

A seu tempo, falaremos d'este acontecimento artistico.

Variedades. — Activam-se n'este theatro os ensaios das operettas OS VARINOS, de Raphael Ferreira e O BURRO DO ZÉ ALCAIDE, em 2 actos, original do nosso collega Velloso da Costa.

Continua obtendo grande successo a revista em 2 actos, TÁ BISTO;...

Salão Foz. — E' hoje um dos mais distinctos salões de recreio artistico. Rivalisando com o que de melhor conhecemos em Paris, Bruxelas e Londres, todas as noites, ali se apresentam as maiores notabilidades do genero «*Folies Bergeres*».

Finalmente, tem Lisboa uma chic casa de espectaculos, para a sua boa sociedade.

Pela cinematografia

Terrasse.—O cine da moda. Todas as noites, estreias de grande sensação. Magnifico sextetto.

Trindade.—*Films* de grande novidade se exhibem n'este salão. Amanhã, na 2.ª sessão, o quartetto só executa musica de Beethoven.

Central.—Estreou-se hontem com grande successo o *film 3311*, magnifico drama em 3 partes.

Olimpia.—Na matinée e á noite a fita de grande sensação que hontem pela primeira vez se exhibiu *Em competencia com a morte*.

Paradis.—Continua obtendo muitos applausos o illusionista DR. ARTHUR com os seus trabalhos deslumbrantes.

Anjos.—N'este theatro popular continua em pleno exito a graciosa revista TEM PIADA! assim como a operetta em 1 acto, VIUVA ALEGRE, original do nosso collega Velloso da Costa.

Rocio.—Todas as noites exhibição dos melhores *films* da actualidade.

Loreto.—Estreias consecutivas de fitas d'arte.

Graça.—Variedades animatographicas de grande valor.

SALÃO FOZ
CALÇADA DA GLORIA
Concertos, Variedades
e Cinematografo
A's segundas e sextas feiras
Sessões da Moda
A's segundas e sextas feiras
Sessões da Moda
TINA DESMET
MATINÉES
todos os domingos e feriados
Magnifico serviço no
SALÃO BUFETE